

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O APRIMORAMENTO DE NOVOS CONHECIMENTOS

Organizador:

Pablo Augusto Gurgel de Sousa

VOLUME 1



EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O APRIMORAMENTO DE NOVOS CONHECIMENTOS

Organizador:

Pablo Augusto Gurgel de Sousa

VOLUME 1



Editora Omnis Scientia

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O APRIMORAMENTO DE NOVOS CONHECIMENTOS

Volume 1

1ª Edição

TRIUNFO - PE

2021

Editor-Chefe

Me. Daniel Luís Viana Cruz

Organizador

Me Pablo Augusto Gurgel de Sousa (Mestre em Psicobiologia)

Conselho Editorial

Dr. Cássio Brancaloneo

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior

Dr. Wendel José Teles Pontes

Editores de Área - Ciências da Saúde

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dra. Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira

Dr. Leandro dos Santos

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dr. Marcio Luiz Lima Taga

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Assistente Editorial

Thialla Larangeira Amorim

Imagem de Capa

Freepik

Edição de Arte

Vileide Vitória Larangeira Amorim

Revisão

Os autores



**Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.**

**O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação em saúde e o aprimoramento de novos conhecimentos [livro eletrônico] / Organizador Pablo Augusto Gurgel de Sousa. – Triunfo, PE: Omnis Scientia, 2021. 145 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-88958-61-2

DOI 10.47094/978-65-88958-61-2

1. Educação sanitária. 2. Saúde pública. 3. Qualidade de vida.
I. Sousa, Pablo Augusto Gurgel de.

CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora Omnis Scientia

Triunfo – Pernambuco – Brasil

Telefone: +55 (87) 99656-3565

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

Saudações prezado (a) leitor (a),

Em seu livro *Dez Bilhões*, publicado em 2013, o professor Stephen Emmott, de Oxford, indagou que “há 10.000 anos éramos apenas um milhão. Em 1800, faz pouco mais de 200 anos, já éramos um bilhão. Há 50, por volta de 1960, chegamos a 3,5 bilhões. Atualmente, superamos 7,5 bilhões”. Mais precisamente, segundo dados do novo relatório do *Population Reference Bureau* (PRB), somos cerca de 7,8 bilhões de seres humanos habitando este planeta no momento. Não obstante à visão apocalíptica deste panorama, a que se deve tamanha progressão geométrica?

Consenso entre historiadores e estudiosos da demografia humana, muito mais do que abandonar o modo de vida nômade, as descobertas e avanços da área médica foram fundamentais para que os séculos XX e XXI registrassem um elevado crescimento populacional. É notável que, a partir desse período, se consolidou e se difundiu a importância da pesquisa em saúde, não só com o objetivo de sanar doenças, mas também de prevenção e promoção à saúde, provendo ao indivíduo e à sociedade meios para a melhoria da qualidade de vida.

Nesta perspectiva, sabendo que o conhecimento científico é muito valioso, principalmente em um cenário pandêmico causado pelo vírus Sars-CoV-2, a Editora *Omnis Scientia* nos abrilhanta com o livro *Educação em Saúde e o aprimoramento de novos conhecimentos*. Por meio de um compilado de artigos, este constructo evidencia a importância do papel dos profissionais de saúde como divulgadores científicos, seja em pesquisas teóricas, aplicadas, de inovação tecnológica ou mesmo relatos de experiências, combatendo a cultura da desinformação, auxiliando a promoção de políticas públicas efetivas e refletindo sobre as nossas ações perante a sociedade como um todo.

Ademais, esta publicação surge em circunstância significativa como forma de promover o avanço, ainda mais expressivo, do processo de inserção do Brasil no patamar dos grandes centros científicos do mundo. Essa iniciativa, portanto, deve ser celebrada, além do mais, pela disseminação do conhecimento científico em educação em saúde, adequado em qualidade e momento oportuno, primordial para promoção do bem-estar populacional.

Por fim, em nossos livros, selecionamos um dos capítulos para premiação como forma de incentivo para os autores, e entre os excelentes trabalhos selecionados para compor este livro, o premiado foi o capítulo 2, intitulado “Residência multiprofissional em Saúde da Família e as contribuições para a interprofissionalidade e a formação do Assistente Social”. Por meio de relato de experiência vivenciada pela residente de serviço social, o trabalho nos traz reflexões sobre as contribuições do programa de residência no processo de aprendizagem e qualificação profissional, bem como, para as ações multiprofissionais de educação em saúde, desenvolvidas em conjunto com os residentes de diversas áreas da saúde.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....14

ENFRENTAMENTO À COVID-19 PELA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL NA ATENÇÃO BÁSICA E SAÚDE DA FAMÍLIA

Patrícia Fernanda Faccio

Ântony Eliel Andrade da Silva

Brenda Fernanda Guedes

José Filipe da Silva

Kristine Kelly de Albuquerque

Maria Daniele da Silva

Marianne de Araújo Mendes

Mércia Fernanda Melo da Silva

Taise Maria da Costa

João Paulo Maciel Cavalcanti de Albuquerque

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/14-20

CAPÍTULO 2.....21

RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE DA FAMÍLIA: INTERPROFISSIONALIDADE E A FORMAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL

Rafaela Zulmira de Oliveira Moraes

Christiani Cassoli Bortoloto Lopes

Andréia Santana Seubert Dalferth

Évelyn Farias

Estefany Bahert

Pedro Henrique de Carli

Maria Nazaré Murilho

Isabela Cristina Mannes

Danieli Cristina Scalco

Felipe Gustavo de Bastiani

Yasmin Luisa Dengo Lombardo

Gisielli Jovenilia Polidorio Alievi

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/21-37

CAPÍTULO 3.....38

AÇÃO EDUCATIVA COMO FERRAMENTA PARA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA EM UMA UNIDADE DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Matheus Gomes Andrade

Dilene Fontinele Catunda Melo

Maria Larysse Muniz Pereira

Lurdiane Gabriel Pereira

Maria Aparecida Melo Morais

Glória Vanessa de Araújo Silva Sousa

Jesus Carlos Eduardo de Paiva Avelino

Fernanda Alália Braz de Sousa

Maria das Graças Teodosio Dias

Viceni Almeida Ludgero

Rosângela Souza Cavalcante

Francisca Nellie de Paula Melo

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/38-44

CAPÍTULO 4.....45

TRATAMENTO INTRALESIONAL DE LEISHMANIOSE CUTÂNEA LOCALIZADA (LCL) EM UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DURANTE PANDEMIA

Sarah Ramany Faria Salmeron

Daliany Santos

Adrielly Sousa Guimarães

Lucas Salvador Pereira

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/45-50

CAPÍTULO 5.....51

ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mirelly Shatilla Misquita Tavares

Clara de Sousa Rodrigues

Anna Beatriz de Almeida Gomes Sousa

Mikaelly Teixeira Alves

Naylton Moraes Dias

Dannilo Dias Soares

Viceni Almeida Ludgero

Wagner da Costa Bezzerra

Fernanda Alália Braz de Sousa

Carlos Alberto Cavalcante de Lima

Mariane Pereira da Luz Melo

Samara Lais Silva Ferreira

Francisca de Fatima dos Santos Freire

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/51-61

CAPÍTULO 6.....62

ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL NO TRATAMENTO DE CÂNCER: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Carla Walburga da Silva Braga

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/62-69

CAPÍTULO 7.....70

EDUCAÇÃO EM SAÚDE BUCAL COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO À CÁRIE DENTÁRIA NA INFÂNCIA

Lara Pepita de Souza Oliveira

Jardel dos Santos Silva

Jefter Haad Ruiz da Silva

Esaú Lucas Nascimento Tavares

Ivana Caroline de Souza Marinho Araújo

Luca Ramon da Silva Lima

Ivete Castro de Souza

Kerolayne Sena de Sousa Santos

Erika Akiko Moura Shiota

Dina Birman

Cristiane Maria Brasil Leal

Diego Ferreira Regalado

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/70-79

CAPÍTULO 8.....80

TÓPICOS RELEVANTES RELACIONADOS À SAÚDE DA MULHER

Lília Barroso Cipriano de Oliveira

Rebeca Barroso Cipriano de Oliveira

Regizeuda Ponte Aguiar

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/80-86

CAPÍTULO 9.....87

ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM TEMPOS DE PANDEMIA: RODA DE CONVERSA VIRTUAL SOBRE APLV

Ludmylla Rolim de Albuquerque

Mayara Vieira Rodrigues

Bruna Ramalho Nogueira Diniz

Maria Luíza Formiga Barros Batista

Taynara Souza Santos

Núbia Kelly Rodrigues Ribeiro

Ideltônio José Feitosa Barbosa

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/87-94

CAPÍTULO 10.....95

CONHECIMENTO DOS UNIVERSITÁRIOS DO SEXO MASCULINO SOBRE O USO DO ANTICONCEPCIONAL DE EMERGÊNCIA

Laryssa Bezerra Silva

Nathália Lima de Pontes

Graziani Izidoro Ferreira

Fernanda Souza e Silva Garcia

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/95-101

CAPÍTULO 11.....102

SAÚDE E TECNOLOGIA: A PERCEPÇÃO DE JOVENS RURAIS ACERCA DA TELE-SAÚDE NO CUIDADO EM PSICOTERAPIA

Isadora Ribas Strojarki

Marcelo Moreira César

Thalia Brites Muniz

Ana Carolina Ferraz

Dawid Da Silva Vargas

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/102-116

CAPÍTULO 12.....117

**TELERREABILITAÇÃO COMO RECURSO FISIOTERAPÊUTICO NA ATENÇÃO BÁSICA
FRENTE À PANDEMIA DE COVID – 19**

Patrícia Fernanda Faccio

Alex Lira do Nascimento e Silva

Elaine Ferreira Silva

Samuel César Alexandre Silva

Mércia Fernanda Melo da Silva

Giuliane Diógenes Norberto da Silva

Jullia Carlyne Rosa Cordeiro de Lima

Tatianny dos Santos Cassiano

Paula Drielly de Melo Ribeiro

Soraya Santos Alves Barbosa

João Paulo Maciel Cavalcanti de Albuquerque

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2 /117-125

CAPÍTULO 13.....126

**USO DO INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE APLV
DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19**

Emanuel de Oliveira Colombo

Laysa Bianca Gomes de Lima

Abiel Reyfe da Silva Canuto

Núbia Kelly Rodrigues Ribeiro

Ideltônio José Feitosa Barbosa

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2/126-133

CAPÍTULO 14.....134

VIABILIDADE DOS APLICATIVOS m-HEALTH PARA PACIENTES COM DOENÇAS PULMONARES CRÔNICAS NO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL

Heloisa Glass

Gabriel Cordeiro Schimidt

Igor Louza Pereira

Paulo Henrique de Ramos Feitosa

DOI: 10.47094/978-65-88958-61-2 /134-141

CONHECIMENTO DOS UNIVERSITÁRIOS DO SEXO MASCULINO SOBRE O USO DO ANTICONCEPCIONAL DE EMERGÊNCIA

Laryssa Bezerra Silva¹;

Centro Universitário Euro-Americano, Brasília, Distrito Federal.

<https://orcid.org/0000-0001-63419763>

Nathália Lima de Pontes²;

Centro Universitário Euro Americano (UNIEURO), Brasília, Distrito Federal.

<https://orcid.org/0000-0002-0377-6467>

Graziani Izidoro Ferreira³;

Centro Universitário Euro Americano (UNIEURO), Brasília, Distrito Federal.

<https://orcid.org/0000-0002-4769-0104>

Fernanda Souza e Silva Garcia⁴.

Centro Universitário Euro Americano (UNIEURO), Brasília, Distrito Federal.

<https://orcid.org/0000-0003-1455-1375>

RESUMO: **Objetivo:** verificar o conhecimento sobre a prática do uso do anticoncepcional de emergência e o ciclo reprodutivo feminino por universitários do sexo masculino de uma instituição privada no Distrito Federal. **Método:** trata-se de um estudo seccional, de abordagem quantitativa, desenvolvido com 111 participantes. A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 2019 e março de 2020, sendo utilizado um questionário autoaplicável, composto por 46 questões. As análises foram feitas com uso do software *Statistical Package for the Social Sciences* SPSS® versão 20.0. **Resultados:** Responderam ao questionário 111 universitários, com idade média de 24,46 anos, 81,1% iniciaram a vida sexual, 16,3% acreditam que o método deve ser utilizado antes da relação sexual, 38,7% afirmaram que o prazo máximo para utilização do método é de 24h ou 1º dia e 15,4% alegaram ser abortivos. **Conclusão:** o conhecimento dos universitários é deficiente, a prática do uso do anticoncepcional de emergência por suas respectivas parceiras sexuais é frequente. Observou-se o comportamento sexual dos universitários ocasional, sem uso do preservativo, apontado como principal motivo para a utilização do contraceptivo de emergência, o que contribui para o comportamento de risco para gravidez indesejada e obtenção de ISTs.

PALAVRAS-CHAVE: Anticoncepção pós-coito. Comportamento contraceptivo. Estudantes.

KNOWLEDGE OF UNIVERSITY MEN ABOUT THE USE OF EMERGENCY CONTRACEPTION: SECTIONAL STUDY

ABSTRACT: Objective: to verify the knowledge about the practice to use of emergency contraceptive and the female reproductive cycle by male university students of a private institution in the federal district. **Method:** this is a cross-sectional study with a quantitative approach, developed with 111 participants. Data collection was conducted between August and November 2019 and March 2020, using a self-administered questionnaire consisting of 46 questions. Analyses were performed using the *Statistical Package for the Social Sciences* SPSS version 20.0. **Results:** 111 college students answered the questionnaire, with a mean age of 24.46 years, 81.1% already initiated sexual life, 16.3% believe that the method should be used before sexual intercourse, 38.7% said that the maximum period for use of the method is 24h or 1st day and 15.4% claimed to be abortifacient. **Conclusion:** the knowledge of college students is deficient, the practice of emergency contraceptive use by their respective sexual partners and frequent. The behavior of university students was observed in their casual sexual relations, without the use of condoms, which is the main alleged reason for the use of contraceptives, which contributes to the risk behavior for unwanted pregnancy and obtaining of STI.

KEY-WORDS: Post-coital contraception. Contraceptive behavior. Students.

INTRODUÇÃO

O acesso de homens e mulheres aos métodos contraceptivos deve ser garantido pelos serviços de saúde e ofertado pelo governo na garantia da livre escolha em ter ou não filhos. A prática do uso dos métodos contraceptivos apresenta alta frequência, em conjunto aos anticoncepcionais de emergência, que corresponde ao método que pode ser utilizado nos dias após o intercurso sexual desprotegido (Soares et al., 2014; Vargas et al., 2017). É observado na literatura que a visão masculina é limitada quanto ao conhecimento sobre anticoncepção, saúde sexual e reprodutiva, o que leva os homens a exercerem papel dominante, deixando essa questão sob a responsabilidade da mulher, em decorrência de uma construção histórica de gênero, social e cultural que impõe à mulher a decisão pela contracepção (Nogueira et al., 2018). Nesse sentido, esta pesquisa teve o objetivo verificar o conhecimento sobre a prática do uso do anticoncepcional hormonal de emergência e o ciclo reprodutivo feminino por estudantes universitários do sexo masculino.

METODOLOGIA

Estudo seccional descritivo, exploratório de caráter quantitativo, em que participaram da pesquisa 111 universitários do sexo masculino, com idade igual ou superior à 18 anos, regularmente matriculados em cursos de bacharelado e licenciatura das áreas de ciências biológicas, humanas e exatas, em qualquer semestre do curso de uma instituição privada do Distrito Federal, Brasília.

A coleta de dados foi realizada entre agosto de 2019 e março de 2020, por intermédio de um questionário autoaplicável, contendo 46 questões, entre objetivas e discursivas, relacionadas às características sociodemográficas, comportamento sexual, a atitude, o conhecimento dos participantes em relação ao anticoncepcional hormonal de emergência (AHE) e o ciclo reprodutivo feminino. A análise descritiva dos dados foi realizada no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®), versão 20.0, a fim de identificar a frequência simples para as variáveis quantitativas, a tendência central (média e mediana) e dispersão (desvio-padrão) para as variáveis contínuas. O projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sob o número do parecer 3.487.552, de acordo com os preceitos éticos estipulados na Resolução nº 466/12 e as autorizações institucionais necessárias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A idade média dos universitários variou de 24,46 anos (18 a 60 D.P. 7,63), 84,4% afirmaram ser solteiros (n=92). Destes 26,1% (n=29) do curso de Direito, 19,8% (n=22) do curso de Educação Física e 10,8% (n=12) do curso de Enfermagem, 30,9% (n=34) no 8º semestre e 21,8% (n=24) no 2º semestre.

Sobre a vida sexual dos participantes 81,1% (n=90) referiram haver iniciado a vida sexual, verificou-se que 52,3% (n=45) dos participantes relataram que suas respectivas parceiras havia utilizado o AHE, dos quais 44,4% (n=48) afirmaram que a iniciativa para utilização do AHE foi própria pelo parceiro. A média da frequência do uso pelas parceiras variou de 1 a 4 vezes ou mais ao ano, sendo que 31,9% (n=15) utilizaram 2 vezes ao ano, o principal motivo foi a relação sexual desprotegida com 63% (n=34), 14,8% (n=8) relacionaram à falha de outros métodos utilizados e 13% (n=7) mencionaram reforço de segurança associando a outro método contraceptivo.

No tocante ao conhecimento foi indagado aos participantes relativo ao AHE, 16,3% (n=17) acreditam que deve ser utilizado antes da relação sexual, 38,7% (n=41) afirmaram que após a relação sexual desprotegida o prazo máximo para a utilização do método é de 24h ou 1º dia e 0,9% (n=1) afirmou que o prazo máximo é de 120h ou até o 5º dia, conforme se observa na tabela 1. A opinião dos acadêmicos em relação ao aborto 15,4% (n=16) informaram que o contraceptivo provoca aborto, frente aos riscos à saúde ao uso por suas respectivas parceiras 65,1% (n=69) alegaram desconhecer os agravos e 27,7% (n=28) não sabem que a frequência do uso do contraceptivo diminui sua eficácia.

Tabela 1 - Perfil do conhecimento dos universitários do sexo masculino, segundo ao prazo para utilização do AHE, Brasília – DF, 2020.

VARIÁVEIS	N	(%)
24 h ou 1º dia	41	38,7
48 h ou 2º dias	22	20,8
72 h ou 3º dias	29	27,4
120 h ou 5º dias	1	0,9
Não sei	13	12,3

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Quanto ao conhecimento sobre as fases do ciclo reprodutivo feminino, a frequência de acertos foi de 22% (n=15) para menstruação, 20% (n=13) para ovulação e 75% (n=58) conheciam sobre o período fértil.

No presente estudo, a população foi constituída por universitários do sexo masculino, escolha embasada com a justificativa da exiguidade de estudos que examinassem a visão masculina sobre o tema em estudo. A caracterização dos participantes evidenciou pela heterogeneidade da amostra quanto ao curso e semestre, sendo observado resultados que a predominância da amostra estava restrita ao curso de Enfermagem, com público alvo as discentes do sexo feminino (BATAGLIÃO; MAMEDE, 2011; VELOSO, et al, 2014).

O estado civil dominante no estudo foi solteiro, podendo sugerir que os universitários têm priorizado sua formação profissional e deixado para segundo plano as uniões. O estudo de Araújo (2018) apontou que a maior frequência de estudantes solteiros pode estar relacionada à realidade brasileira e mundial, onde se observou que os estudantes priorizam a formação profissional em busca da inserção no mercado de trabalho antes do casamento.

A maior parte dos participantes declarou ter iniciado a vida sexual e o uso do AHE apresentou-se relativamente alto entre os universitários e por suas respectivas parceiras, semelhante ao identificado em âmbito nacional informado pelo Ministério da Saúde e encontrado na literatura (BATAGLIÃO; MAMEDE, 2011; VELOSO, et al, 2014). Diante das informações relatadas os universitários têm relações sexuais ocasionais e sem proteção, tornando-os vulneráveis à agravos, tais como as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e colocando em risco suas respectivas parceiras a uma gravidez indesejada, dados estes que reflete com alto índice de não adesão ao preservativo masculino, podendo ser associado com a frequência dos participantes relatarem serem solteiros.

Com relação à frequência, a proporção de jovens que utilizam o AHE dentro de um ano apresentou-se elevada, dados semelhantes no estudo de Alano et al. (2012), que demonstrou a média de 2,4 vezes pelas universitárias. É um dado preocupante, uma vez que o Ministério da Saúde (2013) recomenda que o método deve ser usado uma vez por ano e deve ser empregado esporadicamente em situações específicas, uma vez que o uso indiscriminado e repetitivo em intervalos curtos, causa pouca eficácia no organismo.

Os principais motivos referidos para a utilização do AHE entre os universitários coincidem quanto à indicação para o uso, a maioria deles evidenciou relação sexual desprotegida e falhas de algum método ou utilizaram por insegurança em relação a outros métodos contraceptivos. Nesse contexto, ressalta-se que apenas o método anticoncepcional mais eficaz, o preservativo masculino ou feminino, uma vez que confere ao indivíduo dupla proteção contra ISTs e gravidez indesejada.

A respeito do prazo para o uso do AHE, mostrou-se que a frequência de acertos foi considerada satisfatória, sendo que a maioria dos participantes informou que o prazo de uso do AHE é de 24 horas ou primeiro dia, uma vez que quanto mais rápido a administração do contraceptivo, maior será a eficácia no organismo (VELOSO et al. 2014). Vale destacar que apenas um universitário informou o prazo máximo para uso do método, que é de até 120 horas ou até o 5º dia, como preconiza o MS (2013).

Quando se faz menção ao conhecimento sobre os riscos e complicações advindas do uso do AHE, foi verificado que grande parte dos universitários desconhece os malefícios agregados à saúde de suas respectivas parceiras, tais como doenças cardio-cerebrovasculares (BRASIL, 2011). No que concerne à iniciativa para a utilização do método contraceptivo, os mesmos se posicionaram em conjunto com as suas parceiras nas decisões ao uso do método em escolha, o que o torna como sujeito parte da reprodução, também poderá ser ativo e responsável pela iniciativa de escolha do método.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem difundido a ideia de que o momento da concepção, ocorre quando o “óvulo” se implanta no útero pela nidação, após a fecundação, e com base nesse argumento afirmam que a pílula do dia seguinte não é abortiva, corroborando com o nosso estudo (BRASIL, 2013). O conhecimento dos acadêmicos em relação à finalidade do uso do AHE, demonstrou fragilidade, 15% afirmou que o método deve ser utilizado antes da relação sexual, fato que parece ter levado muitos deles a não indicarem a sua parceira a utilização ou mesmo a utilização inadequada. Por mais que os acadêmicos reconheçam questões relacionadas ao ciclo reprodutivo feminino, a maior parte respondeu de modo equivocado, relacionando a menstruação como uma limpeza do organismo e associando um fenômeno ao outro quando questionados a respeito da ovulação e fertilidade. Aparentemente, os jovens do sexo masculino não se sentem estimulados quanto ao tema menstruação e ovulação, porém sobre a fertilidade houve destaque no número de acertos, podemos considerar que este interesse pelo tema se dá pelo fato de que fertilidade está relacionado à gestação.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos analisados, o conhecimento dos universitários é deficiente e a prática do uso do AHE por suas respectivas parceiras sexuais é frequente, dentre as que iniciaram a atividade sexual. Além disso, é preocupante o comportamento dos universitários em suas relações sexuais ocasionais, sem o uso do preservativo, sendo este o principal motivo alegado para a utilização do AHE, o que contribui para o comportamento de risco para gravidez indesejada e obtenção de ISTs.

DECLARAÇÃO DE INTERESSES

Nós, autoras deste artigo, declaramos que não possuímos conflitos de interesses de ordem financeira, comercial, político, acadêmico e pessoal.

REFERÊNCIAS

ALANO, G.M. COSTA, L.N. MIRANDA, L.R. GALATO, D. **Conhecimento, consumo e acesso à contracepção de emergência entre mulheres universitárias no sul do estado de Santa Catarina.** Ciênc. Saúde Coletiva, 2012. Disponível em: <https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/conhecimento-consumo-e-acesso-a-contracepcao-de-emergencia-entre-mulheres-universitarias-no-sul-do-estado-de-santa-catarina/7950?id=7950> Acesso em: 05 mai 2020.

ARAÚJO, L.S. **Estresse no cotidiano acadêmico em estudantes do primeiro e último anos de graduação,** 2018. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Disponível em: https://assets.uninovafapi.edu.br/arquivos/old/arquivos_academicos/repositorio_Biblioteca/enfermagem/20182/ESTRESSE%20NO%20COTIDIANO%20ACADÊMICO%20EM%20ESTUDANTES%20DO%20PRIMEIRO%20E%20ÚLTIMO%20ANOS%20DE%20GRADUAÇÃO.pdf. Acesso em: 08 jul 2020.

BATAGLIÃO, E.M.L. MAMEDE, F.V. **Conhecimento e utilização da contracepção de emergência por acadêmicos de enfermagem.** Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, p. 284-290, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/z7KmH49G6rdMsMnbfHrN5Kp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 mai 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Anticoncepção de Emergência: Perguntas e Respostas para profissionais de saúde.** 2. ed. Editora do Ministério da Saúde, Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos – Caderno nº 3, Brasília-DF, p. 46, 2011. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/anticoncepcao_emergencia_perguntas_respostas_2ed.pdf. Acesso em: 02 jun 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Básica à Saúde. **Saúde sexual e saúde reprodutiva.** 1. ed. Caderno de Atenção Básica n. 26. Brasília-DF, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf. Acesso em: 10 mai 2020.

NOGUEIRA, I.L CARVALHO, S.M TOCANTINS, F.R. FREIRE, M.A.M. **Participação do homem**

no planejamento reprodutivo: revisão integrativa. Journal of Research: Fundamental Care Online. v. 1, n. 10, p. 242-247, jan-mar 2018. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6007/pdf_1. Acesso em: 03 mai 2020.

SOARES, M.C.S. SOUZA, V.C.D. COSTA, P.F.A. PAIVA, R.M.O.A.S. GUERRA, J.C.A. FREIRE, T.V.V. **Conhecimento masculino sobre métodos contraceptivos.** Revista Brasileira de Promoção à Saúde, Fortaleza, v. 2, n. 27, p.232-238, jun. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/408/40833375012.pdf>. Acesso em: 10 mai 2020.

VARGAS, A.C. PAULA, E.L. PISSOLITO, P.D.S. MENDES, A.B. BAPTISTA, V.J. ANTUNES, M.D. BORTOLOZZI, F. **Uso Indiscriminado de Contraceptivo de Emergência por Universitárias no Norte do Paraná.** Vol.20, n.1, p.65-71, set-nov, 2017. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20170905_173910.pdf. Acesso em: 10 mai 2020.

VELOSO, D.L.C. et al. **Anticoncepção de emergência: conhecimento e atitude de acadêmicos de enfermagem.** Revista Gaúcha de Enfermagem. Rio Grande do Sul, v. 35, n. 2, p. 33-39, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472014000200033&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 mai 2020.

Índice Remissivo

A

- Ações e serviços de saúde 15, 17
- Ações multiprofissionais de educação em saúde 6, 22, 24
- Alergia a proteína ao leite de vaca (apl_v) 88
- Anticoncepção pós-coito 95
- Anticoncepcional de emergência 95
- Aplicativos relacionados à saúde 134, 135, 139
- Assistência pré-natal 80
- Atenção básica 15, 19, 25, 27, 35, 37, 84, 100, 118, 120, 121, 122
- Atenção básica no enfrentamento à covid-19 15
- Atenção primária à saúde 15, 22, 23, 35, 36, 41, 49, 120, 124
- Atendimento à população 22, 33
- Atividades educativas sobre apl_v 126
- Atopia 88
- Autocuidado 18, 44, 62, 64, 66, 73, 76, 123
- Autoexame das mamas 39, 42
- Avanços tecnológicos 113, 134

C

- Câncer de colo uterino 80
- Câncer de mama 39, 40, 41, 42, 43, 44, 83, 85
- Cárie dentária 71, 72, 73, 74, 75, 77
- Cárie dentária na infância 71, 73
- Cárie na primeira infância (cpi) 71
- Ciclo reprodutivo feminino 95, 96, 97, 98, 99
- Climatério 40, 80, 82, 84
- Comportamento contraceptivo 95
- Comportamento sexual dos universitários 95
- Contracepção 80, 84
- Covid-19 7, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 31, 32, 36, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 57, 60, 61, 92, 115, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129
- Crianças 52, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 89, 91, 126, 127, 128, 131
- Cuidado 28, 31, 62, 65, 93
- Cuidados com a saúde 57, 73, 74, 80, 84
- Curva epidêmica 15, 16

D

Diagnóstico precoce à covid-19 15, 17
Direitos reprodutivos 80, 83
Doença infecciosa 16, 45, 46
Doença multifatorial 71
Doenças pulmonares crônicas 134
Doenças respiratórias crônicas 134

E

Educação em saúde 20, 22, 44, 53, 55, 71
Educação em saúde bucal 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79
Educação em saúde para crianças 52
Educação infantil sobre a aplv 88
Educação interprofissional 22
Ensino e serviço 15
Equipe multiprofissional 9, 15, 62
Estado de calamidade pública 118

F

Falta de acesso às informações 102
Fisioterapia 118, 120, 122
Fisioterapia na atenção básica de saúde 118, 120

G

Gestão em saúde 15, 19
Gravidez indesejada 95, 98, 99, 100

H

Hábitos nocivos 80, 81
Hábitos saudáveis 80, 81, 82
Hipersensibilidade a leite 127
Hipersensibilidade tipo i 88
Horários de atuação da equipe 15, 18

I

Infecções por coronavírus 53
Interface usuário e aplicativos relacionados à saúde 134
Intervenção da telerreabilitação 118

L

Leishmania 45, 46, 50
Leishmaniose 45, 46, 47, 49, 50
Leishmaniose cutânea 45
Linha de frente 15, 16, 32, 118

M

Medidas de biossegurança 52, 54, 57
M-health 134, 135, 138, 140
Mídias sociais 127
Mobile health 135, 140, 141
Mudança de hábitos 52, 75

N

Neoplasia 62, 63, 65

O

Obtenção de istis 95, 100
Oncologia 62, 65, 68
Orientação populacional e comunitária 15, 16

P

Parasitas 45, 46
Período pandêmico 52, 56, 57, 58
Prevenção de doenças 53
Prevenção de ist/hiv 80
Prevenção do câncer de mama 39
Processo de saúde-doença 22, 32
Promoção à saúde 6, 118

Q

Qualificação dos profissionais de saúde 22, 23

R

Reação de hipersensibilidade 88
Reações alérgicas 126, 127
Recomendações sanitárias 15, 118
Rede hospitalar 15, 16
Redes de comunicação digital 102
Redes de internet 102, 104
Rede social instagram® 126

Residência multiprofissional em saúde 15, 22, 23, 24, 35, 36

Residência multiprofissional em saúde da família 15

S

Saúde bucal 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79

Saúde da família 6, 15, 22, 24, 25, 35, 36, 42, 118, 121, 122

Saúde da mulher 39, 40, 44, 80, 81

Saúde indígena 39

Saúde mental 28, 30, 31, 37, 53, 56, 57, 59, 60, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115

Saúde pública 39, 40, 41, 125, 128, 135

Serviço social 22

Sistemas de saúde no brasil e no mundo 15, 16

Sistema único de saúde (sus) 15, 16, 17, 22, 23, 34, 35, 42, 91, 108

Smartphone applications 135

T

Tecnologias móveis 134, 136

Tecnológicas de saúde 102

Teleconsulta 15, 121, 124

Telerreabilitação 15, 118

Terapia medicamentosa 62, 66

Terapia ocupacional 118, 120

Tratamento intralesional de lcl 45, 47, 49

Tratamento oncológico 62, 63, 64, 65

U

Unidades de saúde da família 22

Uso de máscara e álcool em gel 15

Utilização de aplicativos relacionados a promoção da saúde 134

V

Viabilidade do uso de m-health apps 134

Vínculo médico-paciente 45, 48

Violência contra a mulher 80, 82



editoraomnisscientia@gmail.com 

<https://editoraomnisscientia.com.br/>

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 (87) 9656-3565 



editoraomnisscientia@gmail.com 
<https://editoraomnisscientia.com.br/> 
@editora_omnis_scientia 
<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 
+55 (87) 9656-3565 